

Nota preliminar

Procura-se explorar a própria ambiguidade do título. O termo “frestas” supõe uma fissura. Esta pode ter uma significação negativa e/ou positiva. No sentido positivo, uma fresta permite que a vista de uma cena ou um espetáculo, impedida por certo obstáculo, não permaneça interdita. Uma fresta pode inclusive ser estabelecida de modo que alguém veja o que, por alguma razão, não devia ser visto. Assim poderá suceder ou por imperícia do construtor ou como ardil. No sentido negativo, a fissura decorre de que uma construção que apresenta aspectos não bem desenvolvidos dê lugar a interpretações impróprias ou contraditórias; em ambos os casos, o antes insuficiente ganha uma nova oportunidade.

A palavra ainda admite uma terceira situação, que abrange as duas anteriores: a construção, que não tem seus componentes perfeitamente encaixados, admite desenvolvimentos que não haviam sido previstos. Em princípio, podemos pensar que o terceiro sentido sucede apenas nas construções, verbais ou arquitetônicas, que, por seu caráter de *work in progress*, possibilitam a constituição de ângulos imprevistos. Ainda que só excepcionalmente, também tentamos atualizá-lo, mas seu principal aporte, o capítulo sobre a metaforologia de Hans Blumenberg, não pôde ser incluído pela extensão já alcançada. Ficará para depois. Deste modo, *Frestas* constará basicamente de desenvolvimentos que ou sintetizam ou acrescentam aspectos que tinham permanecido incompletos no que tenho feito desde o *Mimesis e modernidade* (1980).

Ao leitor será evidente que o texto inicial e o final têm um caráter bastante diferenciado. “De olhos vendados” e “A crítica literária no Brasil de agora” remetem aos limites temporais den-

tro dos quais se estabelece a reflexão desenvolvida. São textos, digamos, mais “espaciais” que argumentativos.

O texto de abertura tem por objeto a segunda experiência de prisão que conheci durante nossa mais recente ditadura. A experiência sucedeu em abril de 1972 — semanas antes de defender minha tese de doutorado. (Ele é o único texto que escapa da interdição que me tenho imposto quanto à escrita de textos autobiográficos.) Ante o pedido de um amigo, Jeffrey Schnapp, aceitei fazê-lo porque seria incluído em um livro a aparecer apenas em língua estrangeira e, numa combinação de textos, que asseguraria seu quase anonimato. Publicado em *Crowds* (Jeffrey Schnapp e Matthew Tiewes, orgs., Stanford, CA, Stanford University Press, 2006, p. 145-147), foi reescrito, a partir da excelente tradução do querido amigo. O texto de encerramento expressa a reação que tive ao abrir o único suplemento literário que ainda havia no Rio e ter de reconhecer a que ponto chegara nosso reino da mediocridade. Editado no suplemento “Prosa e verso” do jornal *O Globo*, em 29 de maio de 2010, sua republicação tem o propósito de ressaltar a degradação a que a crítica literária tem estado submetida, desde os anos da ditadura. Como, nas últimas décadas, o país tem conhecido uma melhoria de sua condição econômica, soa muito estranho que este aspecto positivo não se desdobre até à frente intelectual. O ensaio, agora final, pensará a anomalia.

Se os marcos temporais dizem respeito, por um lado, ao ambiente em que eu vivia quando ainda esboçava os primeiros passos do que seria a tentativa de teorizar a ficção literária, e, por outro, ao sincrônico ambiente de deterioração intelectual, as reflexões de abertura e encerramento não passarão de balizas temporais.

Rio de Janeiro, abril de 2012